



SILÊNCI()S & SUSSURR()S







## Publicação Silêncios e Sussurros

---

ISBN xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Coordenação Editorial  
Fundação Vera Chaves Barcellos

Textos  
Ana Maria Albani de Carvalho  
Vera Chaves Barcellos

Traduções  
Claudia Rüdiger  
Nick Rands

Revisão de Português  
Liane Tubino Asmar

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica  
Roka Estúdio

Impressão  
Gráfica Ideograf

Fotografias  
Juliana Lima  
Sergio Sakakibara

## Mostra Silêncios e Sussurros

---

Fundação Vera Chaves Barcellos  
29 de maio a 06 de novembro de 2010

Realização  
Fundação Vera Chaves Barcellos

Curadoria  
Vera Chaves Barcellos

Coordenação de Produção  
Carolina Biberg  
Claudia Rüdiger

Programação Visual  
Roka Estúdio

Projeto Museográfico  
Fundação Vera Chaves Barcellos

Montagem  
Patricio Farias  
Altemir Sanhudo

---

F383i Barcellos, Vera Chaves

Imagens em migração / Vera Chaves Barcellos; curadoria de  
Glória Ferreira; tradução Sol Casal, Nick Rands. – Porto Alegre: Fundação  
Vera Chaves Barcellos, 2009.  
96 p.

ISBN 978-85-62689-07-9

1. Artes Plásticas. I. Ferreira, Glória. II. Título.

CDU 7

---

Cip – Catalogação na Publicação  
Vanessa I. de Souza CRB10/1468



fundação vera chaves barcellos

Sala dos Pomares  
Av. Senador Salgado Filho, 8450  
Viamão - RS | 94440-000

Sede Administrativa  
Av. Julio de Castilhos, 159 | 6º andar  
Porto Alegre - RS | 90030-131  
info@fvcb.com | www.fvcb.com  
Fone/Fax: 51 3228 1445

# SUMÁRIO

CONTENTS | SUMARIO

## 07 – APRESENTAÇÃO

INTRODUCTION | PRESENTACIÓN

## 15 – SILÊNCIOS E SUSSURROS – Aspectos de uma Coleção

SILENCES AND WHISPERS – ASPECTS OF A COLLECTION

SILENCIOS Y SUSURROS – ASPECTOS DE UNA COLECCION

## 59 – CICLO PARALELO – SILÊNCIOS E SUSSURROS

CONFERENCE ACTIVITIES – SILENCES AND WHISPERS

CICLO PARALELO – SILENCIOS Y SUSURROS



## APRESENTAÇÃO

"Silêncios e Sussurros" marca a inauguração do espaço expositivo da Fundação Vera Chaves Barcellos em sua sede em Viamão, cidade contígua a Porto Alegre. Em um prédio de 400m<sup>2</sup>, concebido segundo as especificações museográficas próprias a uma galeria destinada à exibição de arte contemporânea, a Sala dos Pomares sediará de agora em diante as atividades expositivas da Fundação, tendo como vetor principal o próprio Acervo da instituição criada pela artista que lhe empresta o nome.

Desde o início de suas atividades em 2005, a Fundação presidida pela artista Vera Chaves, dedica-se tanto à constituição e ampliação de um acervo de Arte Contemporânea de caráter internacional – com o merecido destaque aos expoentes nacionais e regionais –, quanto à realização de mostras decorrentes de projetos curatoriais que visam ampliar o acesso do público a esta coleção. Ciclos de palestras e debates com artistas e pesquisadores – atividades sempre de caráter gratuito – também integram a programação da FVCB, assim como a criação de um Centro de Documentação e Pesquisa, aberto à comunidade em 2008 e localizado em Porto Alegre, o qual conta com mais de 8.700 itens, entre catálogos, convites, folders, revistas e outros materiais relativos à produção artística internacional e brasileira, realizada a partir dos anos 1960 até a atualidade.

Esta exposição que inaugura a galeria Sala dos Pomares é resultado de um exercício crítico elaborado por Vera Chaves partindo de sua própria coleção de arte, núcleo gerador da fundação. O desejo de operar com base na idéia de silêncio esteve presente desde o primeiro momento em que o projeto curatorial de "Silêncios e Sussurros" foi esboçado, jamais se resumindo a

simples escolha de um título para uma exposição. A idéia – ou a poética – do silêncio surgiu como o argumento inicial que efetivamente nortearia a escolha de cada obra entre aquelas que compõem o acervo da Fundação. Em diversas ocasiões, enquanto selecionava as peças a serem integradas à mostra, a curadora argumentava que seu interesse estava voltado para obras que não cedessem facilmente a uma elaboração discursiva do tipo explicativo, que mantivessem acesos no espírito do público a indagação e o enigma.

Nas diversas sessões de trabalho efetuadas na Reserva Técnica do acervo da FVCB, Vera Chaves escolheu cada um dos trabalhos que compõem a mostra por um processo que deve tanto à intuição, quanto à sua experiência no convívio com obras de arte. Ao longo deste trabalho, a noção de silêncio ganhou uma conotação visual, percebida no modo como uma obra resultava de certas opções do artista pelo uso dos materiais, das cores, das formas, dos procedimentos, assim como sua escolha pelo assunto ou tema.

Aguçar a percepção e a sensibilidade em relação ao mundo em que vivemos é um dos recursos disponibilizados para aqueles que se permitem – ou aos quais é *permitido*, diria um consagrado sociólogo – um convívio mais intenso com a arte. O investimento em uma atitude receptiva e atenta demanda um pouco de silêncio interior para que os sentidos encontrem seus próprios caminhos na experiência estética. Com a Sala dos Pomares – assim esperamos – surge um novo espaço, configurando mais um ponto de conexão na rede que constrói a contemporaneidade da Arte. O catálogo que o leitor tem em mãos é um dos registros deste nascimento.

Ana Maria Albani de Carvalho

# INTRODUCTION

"Silences and Whispers" marks the opening of the exhibition space at the Vera Chaves Barcellos Foundation's base in Viamão, a neighbouring town to Porto Alegre. The Sala dos Pomares is a 400-m<sup>2</sup> building designed according to appropriate museum specifications for a gallery intended for exhibiting contemporary art and will henceforth house the Foundation's exhibition activities, which will principally be focused on the institution's collection, created by the artist after whom it was named.

Since beginning its activities in 2005, the Foundation headed by the artist Vera Chaves has been dedicated both to establishing and expanding a contemporary art collection of international standing – justly featuring the work of regional and national practitioners – and also to the organisation of exhibitions arising out of curatorial projects that aim to broaden public access to this collection. The FVCB programme also includes lecture and discussion cycles with artists and researchers – always provided free of charge – together with the creation of a Documentation and Research Centre, which opened to the community in 2008 in Porto Alegre and contains more than 8,700 items, including catalogues, invitations, leaflets, magazines and other material related to international and Brazilian art production from the 1960s to the present.

This opening exhibition for the Sala dos Pomares is the result of Vera Chaves's critical approach to her own art collection, which forms the core of the Foundation. The wish to base the exercise on the idea of silence existed from the earliest outlines of the curatorial scheme for "Silences and Whispers", rather than being just a simple

choice of an exhibition title. The idea – or the poetics – of silence arose as an initial premise for effectively orienting the selection of each work from the Foundation collection. On several occasions as she was deciding on pieces to include in the show, the curator reasoned that her interest was focused on works that do not surrender lightly to discursive explanation, and remain alive in the public's spirit of investigation and enigma.

Spending several sessions working in the FVCB's Storage Area, Vera Chaves chose each of the works for the show using a process that owed as much to intuition as to her experience of living with works of art. Throughout this work the notion of silence acquired a visual connotation, perceived through the way a work resulted from certain artistic options in the use of materials, colour, form, procedures and in the choice of subject or theme.

The sharpening of perception and sensibility in relation to the world in which we live is one of the resources available to those who allow themselves a more intense experience of art – or for whom such an experience, as one respected sociologist would say. Investment in a receptive and attentive attitude requires a little inner silence for the senses to find their own paths through aesthetic experience. With the Sala dos Pomares we hope that a new space is emerging as another point of connection in the network forming the contemporary nature of Art. This catalogue is one of the records of this beginning.

Ana Maria Albani de Carvalho

# PRESENTACIÓN

"Silencios y Susurros" marca la inauguración del espacio expositivo de la **Fundación Vera Chaves Barcellos** en su sede en la ciudad de Viamão, ciudad contigua a Porto Alegre. En un edificio de 400m<sup>2</sup>, concebido según las especificaciones museográficas propias de una galería destinada a la exhibición de arte contemporánea, la **Sala dos Pomares** será sede de ahora en adelante de las actividades expositivas de la Fundación, teniendo como vector principal el propio acervo de la institución criada por la artista que le cede el nombre.

Desde el comienzo de sus actividades en 2005, la Fundación presidida por la artista Vera Chaves Barcellos, se dedica tanto a la constitución y ampliación de un acervo de Arte Contemporánea de carácter internacional – con el merecido destaque de los exponentes nacionales y regionales –, cuanto a la realización de muestras derivadas de proyectos curatoriales cuyo objetivo es ampliar el acceso del público a esta colección. Ciclos de charlas y debates con artistas e investigadores – actividades siempre de carácter gratuito – también integran la programación de la **FVCB**, así como la creación de un Centro de Documentación e Investigación, abierto a la comunidad en 2008 y localizado en Porto Alegre, el cual cuenta con más de 8.700 itens, entre catálogos, invitaciones, folletos, revistas y otros materiales relativos a la producción artística internacional y brasileña, realizada desde los años 1960 hasta la actualidad.

Esta exposición que inaugura la galería **Sala dos Pomares** es resultado de un ejercicio crítico elaborado por Vera Chaves

partiendo de su propia colección de arte, núcleo generador de la fundación. El deseo de operar partiendo de la idea de silencio estuvo presente desde el primer momento en que el proyecto curatorial de "Silencios y Susurros" fue esbozado, jamás limitándose a la simple elección de un título para una exposición. La idea – o la poética – del silencio surgió como el argumento inicial que efectivamente nortearía la elección de cada obra entre aquellas que componen el acervo de la Fundación. En diversas ocasiones, mientras seleccionaba las piezas que integrarían la muestra, la artista argumentaba que su interés estaba direccionado para obras que no cediesen fácilmente a una elaboración discursiva del tipo explicativo, que mantuviesen latentes en el espíritu del público la indagación y el enigma.

En las diversas sesiones de trabajo efectuadas en la Reserva Técnica del acervo de la **FVCB**, Vera Chaves eligió cada una de las piezas que componen la muestra por un proceso que le debe tanto a la intuición, cuanto a su experiencia en la convivencia con obras de arte. A lo largo de este trabajo, la noción de silencio adquirió una connotación visual, percibida en el modo como una obra resultaba de ciertas opciones del artista por el uso de los materiales, de los colores, de las formas, de los procedimientos, así como su elección por el asunto o tema.

Aguzar la percepción y la sensibilidad en relación al mundo en que vivimos es uno de los recursos disponibles para aquellos que se permiten – o a los cuales es *permitido*, diría un consagrado sociólogo

- una convivencia más intensa con el arte.  
La inversión en una actitud receptiva y atenta requiere un poco de silencio interior para que los sentidos encuentren sus propios caminos en la experiencia estética. Con la *Sala dos Pomares* – así esperamos – surge un nuevo espacio, configurando un punto más de conexión en la red que construye la contemporaneidad del Arte. El catálogo que el lector tiene a disposición es uno de los registros de este nacimiento.

Ana Maria Albani de Carvalho







## SILÊNCI(O)S & SUSSURR(O)S - Aspectos de uma Coleção

Como artista, tive, no decorrer de muitos anos, várias experiências com a organização de exposições, e confesso que depois de meu trabalho pessoal, uma das coisas que me dá mais prazer, é criar um conjunto de trabalhos que tenham, por uma ou outra razão, um pensamento condutor que justifique estarem reunidos lado a lado em uma mostra coletiva.

O que se procura nesse tipo de tarefa é um diálogo, ou diálogos cruzados e pensamentos sugeridos que se completem ou se interroguem, traçando ou mesmo às vezes ultrapassando linhas limitadoras e que por isso mesmo venham a enriquecer o conjunto.

A presente exposição apresenta um recorte das cerca de 1300 obras que formam a coleção da Fundação VCB. Esse recorte abrange trabalhos de diversas épocas, linguagens e geografias, que podem ter como objetivo formas de representação da realidade ou não, mas que apesar de sua diversidade, apresentam uma linha condutora centrada na idéia de silêncio ou de pequenos elementos que, como sussurros, de alguma forma rompem esse silêncio.

Alguém poderia objetar que toda a obra exclusivamente imagística ou plástica é sempre silenciosa. Mas acredito que nem sempre é assim.

O que pretendemos abordar aqui é um conceito expandido de silêncio representado nesta mostra por várias manifestações que abrangem desde trabalhos sobre papel como desenhos gravuras, fotografias e plotagens, até alguns vídeos, objetos, esculturas e instalações com suas peculiaridades ou características próprias de seus materiais e de suas linguagens; um conceito de silêncio que pode ser manifestado na economia de meios ou pela impossibilidade de uma tradução verbal, pelas imagens ou objetos que são, mas não nos dizem necessariamente o que são, auto-suficientes em sua mera presença, que silenciam seu próprio significado ou simplesmente o negam; obras que não pretendem representar uma realidade externa a elas mesmas. Todas essas, poderíamos denominar *Arte do Real*, como o fez E.C. Goossen, dando esse nome à exposição que organizou para o *Museu de Arte Moderna de Nova Iorque*, em 1968, onde se apresentavam os mais destacados artistas da arte minimal americana, e expandindo o conceito a outros artistas como Jasper Johns e Jackson Pollock.

O silêncio pode estar também representado na figuração de ausências, passagens ou cenários estáticos ou vazios, sem personagens; pela referência ao repouso ou a espaços de espera; por leves insinuações de linguagem ou discursos que anulam o seu próprio sentido, ou ainda por textos que, direta ou indiretamente, nos falam do silêncio; por continentes que escondem seus conteúdos; pelas pequenas variantes de insistentes repetições, ou por obras que nos sussurram pistas sobre seus possíveis significados, sem explicitá-los.

#### O DISCURSO AUSENTE

Assim, está presente nesta mostra, uma gravura em metal da década de 1960, da primeira fase da artista carioca de larga e consolidada trajetória, Anna Bella Geiger, obra portadora ainda de uma preocupação formal filiada ao modernismo, bem como às idéias de um Clement Greenberg quando defende a substância da arte como um valor livre de referência a significados externos ao mundo da arte; obra onde importam a composição, a cor, a forma e texturas próprias da aguatinta, e que se preserva de qualquer intenção de discurso.



Anna Bella Geiger  
Sem título, 1964

Tal como Anna Bella, tive minhas raízes dentro de uma tradição moderna, como demonstra uma xilogravura do mesmo ano,



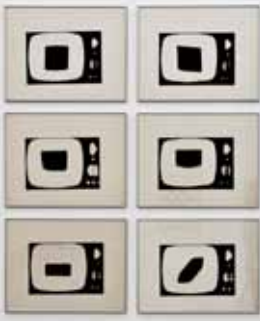
Sean Scully  
"B.D.5", 1996

que, embora com uma filiação semelhante, deixa transparecer uma sutil intenção de representar.

Do irlandês, radicado nos Estados Unidos, Sean Scully, uma composição abstrata, criada três décadas depois, denota uma preocupação semelhante com as formas e cores, estruturadas e rigorosas, embora guarde uma pequena quebra que ameniza esse rigor; é uma espécie de revisão das questões modernas, que já pudemos apreciar em outras ocasiões, também em fotografias do mesmo autor, quando retrata detalhes de fachadas arquitetônicas. Sean Scully convive com o ainda mais rigoroso Sol LeWitt, um dos papas da arte conceitual e minimalista norte-americana do século XX, que vemos aqui nesta mostra, onde tonalidades entre cinza e o negro se articulam dentro de linhas onduladas, um de seus exercícios de geometrismo formal, portador da precisão e austeridades próprias desse artista, onde tonalidades entre o cinza e o negro se articulam dentro de linhas onduladas. Os dois artistas exploram, nesses trabalhos, diferentes possibilidades da gravura em metal.



Sol LeWitt  
"Wavy Irregular  
Bands 1", 1995



Rafael França  
Sem título, 1980

Outra forma de rigor é o de Rafael França, destacado vídeo-artista nascido no Rio Grande do Sul e que desenvolveu sua carreira em São Paulo, e, a partir de 1982, também em Chicago. É representado por uma série de cinco lito-offsets, onde ele transfere para o papel uma representação gráfica que reproduz televisões em cujas telas são vistas formas geométricas distorcidas, numa referência ao início do emprego da perspectiva na história da arte. Essa série é parte de um trabalho apresentado em 1981 no Espaço NO, em Porto Alegre, denominado *Third Comentary*, que compreendia vídeo instalação, fotogramas, fotocópias e lito-offsets.

A produção da artista paulista Carmela Gross, caracteriza-se como a de outros artistas pós-modernos, pela diversidade de meios e por uma sequência de obras ou séries de obras em que cada uma possui sua própria lógica de desenvolvimento. Em um de seus trabalhos da década de 80, pertencente a uma série de desenhos feitos com carimbos e sua possibilidade de repetição, ordenados grafismos em negro preenchem insistentemente toda a superfície do papel.



Carmela Gross  
"Carimbos", 1977-1978

O que em Carmela foi uma fase, a repetição, é para o inglês Nick Rands desde bastante tempo, um de seus métodos de trabalho, pelo qual constrói estruturas em sequência de pontos na justa medida dos toques de um dedo, em



Gisela Waetge  
"Receptáculo", 2005



Nick Rands  
Sem título, 2004



Gisela Waetge  
Sem título, 2007



Carlos ASP  
Sem título, 2005

pinturas feitas com a mão com pigmentos naturais, mais especificamente, vários tipos de terras recolhidas pelo artista em diferentes geografias.

Gisela Waetge, paulista radicada no Rio Grande do Sul há muitos anos, vem construindo, desde a década de 1980, uma carreira discreta e perseverante. De sua formação de arquiteta herdou certa disciplina construtiva, que permanece como um fio condutor de sua obra desde seus inícios, até seus últimos trabalhos. A artista, que no início dos anos 90 realizava pinturas monocromáticas de grande formato, em papel de seda sobre uma estrutura de arame, apresenta nesta mostra uma instalação onde, moldadas em papel, delicadas conchas translúcidas repousam sobre uma plataforma iluminada. Em um desenho mais recente explora, sem nenhuma intenção de representar, as possibilidades gráficas da tinta que faz escorrer sobre o papel.

Dois desenhos a grafite criados por Carlos Asp, sobre o verso de embalagens de cartão de produtos industrializados, são obras que confirmam sua consciente posição marginal, a qual vai em contramão da produção da arte de poder, do uso de materiais nobres e caros. O artista que em sua juventude participou do grupo Nervo Óptico, atuante em Porto Alegre nos anos 1970, hoje, em



Carlos ASP  
Sem título, 2005

plena maturidade, cria sua forma de beleza com meios precários, mas nem por isso menos eficientes.

Uma serigrafia dos anos 1990, do artista multimídia catalão Enric Mauri, que transita livremente entre vídeo, performance, fotografia e objetos apropriados, desafia nossa percepção jogando com a quase invisibilidade de algumas formas brancas sobre o branco do papel.



Enric Mauri  
Sem título, 1990

Também em um desenho de Frantz, do início da década de 1980, onde apenas três manchas lineares de tinta negra escorrem na superfície branca do papel, há um grande despojamento. Já aí se pressente o artista que em sua obra questionaria vários aspectos do ato de pintar. Mais tarde, assumiria uma posição na qual a escolha também é criação, e assim sendo, o recorte seletivo das telas com que reveste o chão e as paredes do atelier onde pintam seus alunos é tão válido como obra como a resultante da ação de pintar.



Frantz  
"Detalhe 2", 1983

## SUSSURROS QUE ROMPEM O SILÊNCIO

Uma obra experimental do jovem Guilherme Dable, *Tacet*, de 2009, é filiada evidentemente a uma tradição inaugurada pelo músico norte-americano John Cage, o grande



Guilherme Dable  
"Tacet", 2009



Paulo Vivacqua  
"Tacet", 2009



Enric Mauri  
Sem título, 1990

teórico do silêncio. É produzido através de duas formas distintas: grafismos aleatórios, logrados pelo toque de xilofone transferidos por meio de papel carbono a uma grande folha de papel, formando um sutil desenho, e sua documentação em vídeo. O artista pertence ao grupo que anima um dos interessantes espaços culturais de Porto Alegre, o *Atelier Subterrânea*.

Também dentro do hibridismo entre o universo plástico e o sonoro é desenvolvida a obra de Paulo Vivacqua, aqui com um de seus objetos, *Anêmona*, de 2008, formado por vidro fios e alto-falantes. Segundo Paulo Sergio Duarte, num belo texto sobre o artista, publicado em um dos catálogos da 5ª Bienal do Mercosul, refere-se a suas fortes esculturas de vidros sobrepostos e seus *tweeters* organizados para nos dar prazer acústico e visual.

## A PRESENÇA SILENCIOSA DO OBJETO

Um objeto apropriado de Enric Mauri, que, neste caso, não se trata de uma roda de bicicleta ou de um porta-garrafas, mas sim de uma velha sombrinha vermelha colocada sobre um suporte de metal, provoca no espectador uma visão, não sob o ponto de vista funcional, mas sim estético, contaminado pela aura que lhe confere a sala de exposições. Já não é um gesto provocador, como os *ready-made* duchampianos do início da história da arte



Mira Schendel  
"POBD", 1971



Mira Schendel  
Sem título,  
década de 1970



Hélio Ferverza  
"Limites (I.M.2)", 2004



Nazareno  
"Esperando", 2007

moderna, mas mais uma forma de reafirmar a validade da escolha como uma forma de criação.

Dois livros de artista de Mira Schendel, pequenos objetos de papel a serem manipulados pelo espectador, jogam com as particularidades da sequência, próprias do meio do livro cujas lâminas têm a possibilidade de girar sobre um único ponto que as une. Assim, em um, a artista brinca com letras diferentes, mas que dependendo da posição, e vistas em espelho, têm a mesma grafia como p,d,b,q; e em outro, com folhas de cartolina vazadas com pequenos furos circulares que, quando sobrepostas, criam diversas formas de associações possíveis.

Dentro de uma caixa de acrílico vemos dois pequenos objetos: uma bússola e sua embalagem. A bússola está vedada com uma lâmina negra, negando qualquer espécie de orientação. É um exemplar objeto de Helio Ferverza, que costuma construir suas obras, sejam elas objetos ou instalações, com um mínimo de elementos que não explicitam claramente seus significados, mas somente sugerem relações ao imaginário do espectador.

Objetos de pequeno formato são utilizados em *Espera*, a série de cinquenta cadeiras de madeira em miniatura de Nazareno, colocadas no chão formando um círculo, na expectativa



Lia Menna Barreto  
"Jardim de Infância", 1996

de uma grande reunião lilliputiana...\* como talvez algumas reuniões das cúpulas políticas mundiais, grandes em número de participantes, mas pequenas e vazias em idéias e soluções efetivas para os problemas do planeta.

Em *Jardim de Infância*, um conjunto em círculo de pequenas cadeiras calcinadas, o olhar mais uma vez perverso de Lia Menna Barreto aborda o mundo infantil, tema recorrente em sua obra; solitários vestígios de um trágico acontecimento, ou silenciosa metáfora da infância perdida?



Patricio Farias  
Sem título, 1992

De Patricio Farias, uma sequência de caixas estreitas de madeira encostadas verticalmente contra a parede servem como conteúdos para peças alongadas, em chumbo e borracha que lembram lanças sem pontas, armas desprovidas de seu potencial agressivo, meros objetos para serena contemplação.

Com uma escultura em ferro em que uma caveira moldada em chumbo, acorrentada a um pesado e rígido objeto de ferro, numa referência explícita ao mais definitivo de todos os silêncios, o escultor catalão Pep Admetlla reflete sobre a condição humana e a irredutibilidade da morte.



Pep Admetlla  
Sem título,  
década de 1990

---

\* | Relativo a Liliptut, país imaginário do romance *Viagens de Gulliver* de Jonathan Swift, no qual os habitantes tinham apenas seis polegadas de altura.



Bob Wilson  
"Alceste", 1986



## SILÊNCIOS VAZIOS

Bob Wilson é, ao lado do polonês Tadeus Kantor, um dos principais renovadores do teatro do século XX, e, como foi este, é também criador pleno e regente dos cenários e elementos de cena tais como luzes, sons, tempos e espaços onde atores desenvolvem suas performances em suas complexas montagens. Wilson, que não nega sua dívida a John Cage e trabalha muito em suas peças com espaços de silêncio, ou o *rallentando* de movimentos, também estende sua atuação às artes visuais, reproduzindo muitos de seus estudos para cenários a séries de litografias das quais temos aqui um estudo para *Alceste*: a imagem de um cenário vazio e expectante.

Mario Röhnelt, artista gráfico e pintor, há alguns anos vem se dedicando à pintura de espaços de interiores vazios. Neste trabalho, o interior luxuoso do Palácio Real de Madrid, é reproduzido em uma gráfica pintura em branco e negro, a qual, pela ausência de cor e da representação das decorações em dourado, torna-se meramente uma vazia memória de uma época de pompas ultrapassada.



Mario Röhnelt  
Sem título, 1993

Igualmente, Leopoldo Plentz, um dos expoentes da fotografia brasileira, tem preferência pelas imagens de espaços vazios, onde arquitetura, ambientes, ou objetos sugerem ausências,



Leopoldo Plentz  
"Museu Picasso", 2002

meros vestígios da presença humana. Aqui nos mostra uma solitária escultura de Picasso na penumbra de um museu de Paris, que se contrapõe à luminosidade que penetra através das cortinas brancas de duas janelas.

Na película *La mirada de Ulisses* de Theos Agnostopoulos, cuja ação se passa na época da guerra dos Balcãs há uma das mais violentas cenas que eu me recorde de haver visto no cinema até agora. E é uma cena sem imagens: numa densa bruma apenas gritos, tiros e o som dos corpos que caem na água. É uma espécie de cinema cego, de anti-cinema, mas nem por isso menos revelador do poder da imagem, quando ela se nega e dá lugar a nosso imaginário. Traçando uma analogia, considero meu trabalho *Gran Canal*, do início dos anos 2000, uma espécie anti-fotografia, pois é uma fotografia da bruma do inverno veneziano, imagem de um grande silêncio visual. Sabemos que é Veneza; que por detrás estão seus ricos palácios com a carga emocional de suas densas e conturbadas histórias, mas não os vemos. Apenas os pressentimos...

## AUSÊNCIAS, ESPERAS, MEMÓRIAS E PASSAGENS: SEUS SILÊNCIOS E SUSSURROS

Regina Silveira tem trabalhado ao longo de sua larga trajetória com a representação de ausências. Aqui temos alguns desenhos



Regina Silveira  
"Desenhos preparatórios  
para In Absentia  
Stretched", 1993

preparatórios para *Absencia Stretched*, um de seus trabalhos a serem adesivados na parede. Esses desenhos de perspectivas de cadeiras feitos como estudos, tal como para outras de suas obras a serem coladas na parede, têm paradoxalmente mais permanência como obra que as instalações que deles resultam, estas sempre com duração limitada. Ricos em grafismos, e demonstrando grande habilidade técnica, estes desenhos são exemplares excelentes dentro da farta produção dessa inquieta e consagrada artista.



Luiz Barth  
Sem Título, 1981

Um par de poltronas que lado a lado dialogam entre si, em uma impecável gravura em metal, executada em um estúdio do artista na Califórnia no início da década de 1980, é um bom exemplo da obra de Luiz Barth cuja produção discreta em gravuras ou pinturas tem se caracterizado pela representação de interiores, espécies de cenários dos quais está ausente a figura humana.



Margarita Andreu  
Sem Título, 2000

Margarita Andreu, artista catalana, para quem os temas de arquiteturas e espaços vazios são uma recorrência, apresenta um vídeo em *looping*, onde silhuetas humanas, visitantes de um museu europeu, se entrecruzam num espaço de passagem; gradativamente, a imagem vai esmorecendo até seu desaparecimento total. O mesmo sentido de desaparecimento da imagem está em seus trabalhos gráficos; lâminas de acrílico de cores quentes se sobrepõem e



Margarita Andreu  
Sem título, 2000

amenizam quase anulando imagens fotográficas de interiores de espaços arquitetônicos de instituições culturais.



Mara Alvares  
"Cavaletes", 2009

Mara Alvares é uma potente pintora que desenvolveu uma obra entre a década de 1980, desde seu estágio no Instituto de Artes de Chicago, e o início dos anos 2000, ainda não suficientemente reconhecida e divulgada, posterior à sua produção fotográfica do tempo do grupo Nervo Óptico, (grupo que atuou em Porto Alegre entre 1976-78), na qual, pela presença do corpo, transparece a sua formação em dança. Suas recentes fotos de alguns cavaletes vazios em sua desolada solidão são nostálgico documento do ato de pintar.



Os ninhos, apropriados por Marlies Ritter, todos recolhidos em seu jardim na zona sul de Porto Alegre durante vários anos, são objetos de memória dos pássaros que habitaram ali. A artista, em sua obra de cerâmica, fotos ou em apropriações de objetos, segue numa linha coerente seu trabalho de documentação e registro de ações femininas domésticas e cotidianas.



Marlies Ritter  
"Rua Simão Bolívar,  
118", 2009

## SUSSURROS NA PAISAGEM.

Luis Roque, vídeo-artista da nova geração brasileira, mostra duas obras onde realiza interferências com fumaças coloridas e sons



Michael Chapman  
"O Caso B", 2006

rompendo a estabilidade de uma estufa de plantas, (*Estufa*), um vídeo realizado em colaboração com a vídeo-artista Leticia Ramos, ou de uma paisagem de montanha, (*Projeto Vermelho*),

Nas fotografias de Michael Chapman, artista inglês que participou de movimentos das vanguardas européias dos anos 60 e 70, e que reside há anos no Brasil, a estranheza perturba o ambiente natural: pratos jogados em uma praia, ou entre rochas, são meros objetos que descontextualizados perdem sua funcionalidade.

Perejaume, artista catalão de extensa obra de teor conceitual, em *Neu negra*, (*Neve negra*) uma paisagem quase desprovida de cores, que retrata uma montanha nevada, subverte nossa percepção causando um ruído inusitado pela inversão dos valores: em sua paisagem a neve nos aparece negra, assim como outros elementos que deveriam ser escuros são mostrados em tons claros.



Perejaume  
"Neu Negra", 2006

O interesse de Domènec, um representante da geração catalã surgida nos anos 1980, centra-se na arquitetura e o papel que esta representa como símbolo dos ideais modernos. O emprego de miniaturas ou maquetes tem sido utilizado com frequência em suas imagens, objetos e vídeos. Sua obra dialoga desta vez com a paisagem: em uma serigrafia fotográfica



Domènec  
"Domestic", 2000



Carlos Pasquetti  
"Esconderijo", 1970

de grande formato, uma pequena maquete branca de um edifício é vista sobre um verde gramado, contrastando natureza e arquitetura, meio ambiente e ação humana.

Carlos Pasquetti, um dos mais importantes artistas brasileiros de sua geração, em *Esconderijo*, uma foto dos anos 1970, onde um fardo de feno no meio de um campo é assinalado por dois círculos concêntricos, também estabelece uma relação natureza e ação do homem. Mas, neste caso, há uma dupla ação: a interferência sobre elementos naturais na relação homem terra, retratada na fotografia, e a ação do artista traçando os círculos concêntricos sobre a foto; uma representação interferida que atribui à imagem um novo significado. Desde então, até sua farta produção mais recente, seja de poderosos desenhos ou instalações instigantes, a obra de Pasquetti se resguarda de qualquer tentativa de fácil interpretação. No entanto, pela época em foi produzido, quando, pela situação política do país era imposto o silêncio à diversidade de opiniões, o trabalho poderia ter uma conotação política.

Um diálogo intenso com os ritmos da natureza é o que há tempos vem desenvolvendo Teresa Poester em seus trabalhos gráficos. No vídeo *Ressonances*, que agora mostramos, imagens de seus



Rodrigo Braga  
"Teu", 2007



Rintaro Iwata  
Sem título, sem data



Cao Guimarães  
"Cama para Sonhar", 2002

desenhos alternam-se com suas fotografias, ao som de uma peça para piano solo do compositor norte-americano Morton Feldman, interpretada pelo pianista John Tibury.

## SILÊNCIOS ÍNTIMOS

Rodrigo Braga é um artista da nova geração brasileira que, trabalhando com a fotografia manipulada, cria cenas inusitadas, muitas vezes, de forte apelo emocional. Neste caso, em uma fotografia de grande formato, vemos um torso nu, curvado e de costas, em meio a uma farta vegetação, numa atitude de profundo recolhimento.

A emoção da intimidade está também fortemente presente na pequena instalação do japonês Rintaro Iwata, onde uma fotografia é secundada por um objeto moldado criado para o recolhimento, que, quando abraçado, dá uma sensação de aconchego. Na foto, uma mulher abraça o objeto.

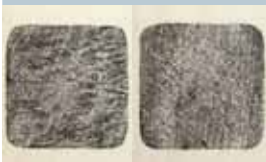
Em *Cama para Sonhar* de Cao Guimarães, um conjunto de duas fotografias reflete sobre o espaço do sono e do sonho, espaço interno e externo. Em uma das fotos, uma cama vazia, lençóis revoltos, rachas na parede repetem o desenho de alguns galhos secos da outra fotografia.



Elaine Tedesco  
"Aparatos para o sono", 1995



Hannah Collins  
"Caracoles", 1992



Marlies Ritter  
Sem título, 1998



Michael Chapman  
"Meu nome é sem  
nome", 2007

A reflexão sobre o sono também tem sido uma tônica presente em muitos trabalhos de Elaine Tedesco. Em uma de suas obras do início da década de 1990, um objeto de penas e seda, é sugestão de pequenos travesseiros.

A litografia fotográfica de Hannah Collins, artista inglesa residente na Catalunha, remete-nos ao mundo de espaços internos e de recolhimento, ao silêncio dos caracóis.

Marlies Ritter grava a memória de um ato cotidiano de sua vida privada, utilizando como matrizes para impressão, tábuas sulcadas pelas facas no repetido gesto de cortar o pão de cada dia e imprimindo-as como xilogravuras.

Um cuidadoso, pequeno e intimista desenho a grafite e aguadas, representando uma caveira humana, é um dos momentos em que Eduardo Kickhofel, estudioso de Leonardo e da filosofia da ciência, reflete, tal como Pep Admella, sobre o silêncio da morte.

## A PALAVRA SILENCIOSA.

Michael Chapman utiliza frequentemente palavras sobrepostas a imagens fotográficas atribuindo-lhes um novo sentido. Neste caso, uma frase que se auto-anula, sobreposta à grama e pedaços de madeira: *Meu nome é sem nome*.



Eduardo Kichhofel  
"Estudo de Crânio  
de Homo Sapiens  
Neanderthalensis", 1994

Lenora de Barros, em um trabalho fotográfico de 1990, feito em seu estúdio em Milão, assim como Michael Chapman, apresenta de forma visual uma frase contendo sua própria negação em *Eu não disse nada*, onde cada uma das palavras está inserida em quatro imagens da própria artista encapuçada. A obra, filiada à tradição da poesia concreta, não deixa de ter uma dose de humor, elemento frequente em



Leonora de Barros  
"Eu não disse nada", 2009



muitos trabalhos da artista até o presente, mas também acena a um sentido político.



Hélio Ferverza  
"Apresentações do  
Deserto", 2009

Hélio Ferverza trabalha gestos e idéias de grande economia. Esse é talvez o trabalho de menor formato de toda a mostra, mas de grande efetividade poética: são pequenos cartões de formato de cartões de visita, onde se lêem nomes dos principais desertos do planeta.



Adolfo Montejo Navas  
"49 Silêncios", 2004

Do espanhol Adolfo Montejo Navas, um pequeno livro com frases poéticas nos remete por meio da palavra às inúmeras facetas do silêncio.

Do escultor estremenho Rufino Mesa, radicado na Catalunha, o desenho *Resguardo da palavra*, é um dos estudos para uma de suas obras onde textos guardados em tubos de cobre são selados dentro de um grande bloco de pedra. Mensagens para sempre silenciadas.



Rufino Mesa  
"A Resguarda la  
palabra", 1989

## ESPAÇOS VEDADOS, BOCAS FECHADAS.

Patricio Farias tendo desenvolvido uma obra gráfica em seus primeiros anos consolidou-se como escultor após meados dos anos 1980, tendo realizado também diversas instalações e, nos últimos anos, incursões na fotografia e vídeo-arte. Aqui, temos uma de suas esculturas, onde uma casa de chumbo hermética está protegida por uma estrutura de madeira e plástico translúcido.



Patricio Farias  
Sem título, 1988

Fernando Alday, pintor chileno, radicado na Espanha há cerca de duas décadas utiliza papéis envelhecidos e pedaços de livros antigos recolhidos em mercados de pulgas, construindo colagens que reproduzem de forma livre, algumas vezes, figuras da história da arte, além de suas próprias composições. Sua pequena instalação é constituída por uma série de caixas de cartão desbotado, objetos apropriados, continentes esvaziados de seus conteúdos, colocadas lado a lado sobre uma prateleira branca, formando um discreto conjunto em cores baixas e de leves contrastes.



Fernando Alday  
"Muro", 1995



José Rufino  
"Sudoratio", 1997 - 2007

O artista paraibano José Rufino tem insistentemente trabalhado a questão da memória que guardam os objetos já em desuso. Em *Sudoratio*, nos apresenta uma instalação onde antigas caixas de madeira de diversas dimensões são associadas a frágeis balões de gesso que se expandem como inflados por um sopro e que, como reminiscências, vêm do interior das caixas. Não são objetos reveladores de sentido, mas suscitam, sim, uma sensação de estranheza. A obra, uma espécie de silepse visual, se justifica pelo atrativo das sugestões que provoca.



Carmen Calvo  
"Un Quietismo Estetico  
de la Vida", 2004

Carmen Calvo, artista valenciana de produção farta e eloqüente, trabalha com apropriações de fotografias nas quais interfere com pintura, alterando seu significado. Neste caso, três personagens num retrato de família tradicional aparecem com as bocas vendadas por manchas de cor. Pequenos olhos de vidro colados em diversos pontos sobre o papel fotográfico devolvem múltiplos olhares ao espectador.

Os primeiros objetos empacotados de Javacheff Christo, artista búlgaro, radicado desde os anos 60 nos Estados Unidos, e que já empacotou uma larga extensão das costas australianas, a *Pont Neuf* em Paris, e mesmo prédios inteiros como o parlamento alemão em Berlim deve certamente ter se



Christo  
"Wrapped Telephone  
(9664437)", 1995

inspirado na obra dadaísta de Man Ray, *L'Enigme d' Isidore Ducasse* (1920), em que este empacotou uma máquina de escrever, obra acidentalmente destruída e que se conhece apenas por documento fotográfico. Esses primeiros objetos de Christo, datados do final da década de 1950, não eram na verdade muito maiores do que a obra citada de Man Ray. No decorrer de sua larga trajetória, durante a qual em muitos trabalhos teve a colaboração de sua mulher Jeanne Claude, o artista tem realizado inúmeros desenhos preparatórios para suas intervenções monumentais e também obras seriadas com referência ao empacotamento de pequenos objetos. Algumas dessas últimas são um misto de impressão, desenho e objeto, como neste caso, onde um telefone empacotado é uma provável metáfora do silêncio imposto ou da incomunicabilidade obrigada, possível alusão a uma situação de um regime político repressivo.

Essa mostra que inaugura a Sala dos Pomares, novo espaço expositivo da FVCB, entidade relativamente recente no cenário das artes visuais brasileiras, dá início a um ciclo de exposições, que possa mostrar ao público novos extratos de uma coleção ainda em formação, mas que deverá continuar crescendo, e, assim esperamos que, se torne

uma das coleções de arte contemporânea  
exemplares dentro do panorama cultural  
do país.

Vera Chaves Barcellos  
Março 2010

## SILENCES AND WHISPERS - Aspects of a Collection

As an artist, I have had many experiences of organising exhibitions over the years, and I must admit that, after my own work, one of the things that brings me most pleasure is to create a set of works that for one reason or another contain a thread of thought that justifies placing them next to each other in a group exhibition.

What one is looking for in such a task is a dialogue, or intersecting dialogues and suggested thoughts that complement or question each other, tracing or even sometimes transgressing boundary lines and therefore enriching the group as a whole.

This current exhibition presents a section from around 1300 works in the collection of the VCB Foundation. It covers works from various periods, languages and geographies, which may or may not seek ways of representing reality, but which despite their diversity display a common thread centred on the idea of silence or of small elements that, like whispers, break that silence in some way.

Some might object that all imaginary or plastic work is always silent. But I believe that is not so.

What we wish to address here is an expanded concept of silence, represented in this exhibition by a variety of manifestations that range from works on paper, such as drawings, prints, photographs and digital prints, to video, objects, sculpture and installation, with their own particular characteristics of materials and languages; a concept of

silence that can manifest itself through economy of means or by the impossibility of verbal translation, through images and objects that silence their own significance or simply deny it; that are self sufficient in their mere presence, yet do not necessarily say that they are; works that do not aim to represent a reality beyond themselves. We may call all these works the Art of the Real, as E.C. Goosen does in the title of the 1968 exhibition he organised for the Museum of Modern Art in New York, which included the most distinguished American minimalist artists, and expanding the concept to other artists like Jackson Pollock and Jasper Johns.

Silence can also be represented in the depiction of absences, static or empty passages or settings, with no characters; by reference to rest or to spaces of waiting; through slight insinuations of language or discourse that nullify their own meaning, or also by texts that directly or indirectly speak to us of silence; by containers that hide their contents; by small variations of insistent repetition, or by works that whisper of ways into their possible meanings without explaining them.

### THE ABSENT DISCOURSE

This exhibition thus contains a 1960s intaglio print from the early phase of the extensive and established career of Rio artist Anna Bella Geiger, with a work that still carries formal concerns related

to modernism and Clement Greenberg's ideas upholding the substance of art as a value free of reference to meanings outside the world of art; a work in which the important concerns are composition, colour, form and the textures produced by the aquatint, and which rejects any intention of discourse.

Like Anna Bella, my own roots lie within a modern tradition, as seen in a woodcut from the same year, *Sinais Vermelhos*, which despite its similar relationship allows a subtle intention of representation to show through.

The work by the Irish-born United States artist Sean Scully is an abstract composition created three decades later, with a similar concern for rigorous structured form and colour, yet retaining a slight break that softens that rigour; it is a kind of revision of modern questions which we can appreciate on other occasions and also in the artist's photographs of details of architectural facades. Sean Scully is closely related to the even more rigorous Sol LeWitt, one of the fathers of 20<sup>th</sup>-century North American minimalism and conceptual art, represented in this exhibition by a work in which tones from grey to black are articulated within undulating lines in one of this artist's exercises in formal geometrism filled with his own precision and austerity. The works of these two artists explore the different possibilities of intaglio printing.

Another form of rigour can be seen in the work of Rafael França, the distinguished video artist from Rio Grande do Sul who developed his career in São Paulo and then in Chicago after 1982. He is represented here by a series of five offset litho prints representing television screens displaying

distorted geometric shapes, in a reference to the beginnings of the use of perspective in the history of art. This series is part of a work called *Third Commentary* shown at Espaço N.O. in Porto Alegre in 1981, which included video installation, photographs, photocopies and offset prints.

The work of the São Paulo artist Carmela Gross, like that of other postmodern artists, features a diversity of media and a sequence or series of works in which each has its own rationale of development. In one of her works from the 1980s, from a series of drawings using rubber stamps and the possibility of repetition, organised black markings insistently fill the whole surface of the paper.

What was a phase for Carmela, repetition, has been a working method for the English artist Nick Rands for a considerable time, building structures through a sequence of dots made by the fingertips in paintings using natural pigments formed from various types of earth collected by the artist in different geographic locations.

The Rio Grande do Sul-based São Paulo artist Gisela Waetge has built a discrete and steady career since the 1980s. She inherited a degree of constructive discipline from her training as an architect, which has remained a common thread from her early work to her latest output. In the early 1990s she made large-format monochrome works from tissue paper on wire structures, and is represented here by an installation of delicate translucent paper shells on an illuminated base. A more recent drawing explores the graphic possibilities of letting paint run across the paper, with no aim at representation.

Two graphite drawings by Carlos Asp on the back of cardboard packaging are works that confirm his consciously

marginal position that moves against the production of an art of power and the use of high-quality and expensive materials. The artist was part of the *Nervo Óptico* group in Porto Alegre in the 1970s and, now in the mature phase of his career, creates his form of beauty with media that may be unstable but are no less effective.

A 1990s screen print by the Catalan artist Enric Mauri, who moves freely between video, performance, photography, and the found object, challenges our perception in a play with the almost invisible nature of white shapes on the white of the paper.

There is also great simplicity in a drawing by Frantz from the 1980s, in which just three linear marks of paint run across the surface of the paper. One can already sense the presence of an artist whose work will question various aspects of the act of painting. Later he will adopt a stance in which choice is also creation and, as such, the selective sections of canvases covering the floor and walls of the studio where his students paint are as valid as a work as the result of the act of painting.

#### WHISPERS THAT BREAK THE SILENCE

Guilherme Dable's experimental work from 2009, *Tacet*, is clearly related to a tradition begun by the North American musician John Cage, the great theorist of silence. It was produced in two distinct ways: random mark making obtained from playing a xylophone, transformed onto a large sheet of paper using carbon paper to form a subtle drawing, and its video documentation. The artist is a member of the group behind one of the interesting cultural spaces in Porto Alegre, *Atelier Subterrânea*.

The work of Paulo Vivacqua also occupies the hybrid space between the visual and audio worlds, represented here by one of his objects, the 2008 *Anêmona*, made from glass, wires and loudspeakers. Paulo Sergio Duarte wrote a fine text on the artist for one of the catalogues of the 5<sup>th</sup> Mercosul Biennial, referring to his strong sculptures of overlaid glass and tweeters arranged to give us auditory and visual pleasure.

#### THE SILENT PRESENCE OF THE OBJECT

One of Erico Mauri's found objects, not in this case a bicycle wheel or a bottle rack but rather an old red parasol on a metal stand, stimulates the spectator to view it as aesthetic rather than functional, infected by the aura given it by the exhibition space. This is no longer a provocative gesture like the Duchampian ready-mades of the beginnings of the history of modern art, but another way of affirming the validity of choice as a form of creation.

Two artist's books by Mira Schendel, small paper objects to be explored by the viewer, play with the book form's characteristic of sequence, whose pages can turn on the single point that joins them. The artist thus plays with different letters which, depending on position and mirror image, have the same shape, such as p, d, b, q; and in another, with sheets of card perforated with small circular holes, which when superimposed create various forms of possible associations.

Inside an acrylic case we can see two small objects: a compass and its packaging. The compass is sealed with a black plate, denying any form of orientation. This is an object by Hélio Ferverza, whose works, be they objects or installations, are often

made with a minimum of elements that do not clearly reveal their significance but merely suggest relationships in the viewer's imagination.

Small objects are used in Nazareno's work *Espera*, a series of fifty miniature wooden chairs placed in a circle on the floor as if waiting for a great Lilliputian meeting... perhaps like some global summit of political leaders, great in number of participants but small and empty of effective ideas and solutions for the problems of the planet.

Lia Menna Barreto's perverse way of seeing in *Jardim de Infância*, a circular arrangement of burnt chairs, addresses the world of childhood, a recurrent theme of her work; the solitary remains of some tragic event, or a silent metaphor for lost childhood?

For Patricio Fariás, a sequence of narrow wooden boxes leaning vertically against the wall serves as containers for long items of lead and rubber that suggest spears without points, weapons divested of their aggressive potential to become objects for calm contemplation.

The Catalan sculptor Pep Admella reflects on the human condition and the irreducibility of death in a steel sculpture with a lead skull chained to a heavy, rigid steel object in an explicit reference to the most definitive of all silences.

## EMPTY SILENCES

Bob Wilson, together with the Pole Tadeus Kantor, is one of the principle reformers of 20<sup>th</sup>-century theatre and, like Kantor, is also the full creator and director of scenery, including sets, lighting, sound, time and space, in which actors develop

their performances in his complex compositions. Wilson does not deny his debt to John Cage, often working with spaces of silence or the rallentando of movement in his works, and also extends his activity into the visual arts, reproducing many of his stage-design studies in a series of lithographs, of which here we have a study for *Alceste*: the image of an empty and expectant stage set.

The graphic artist and painter Mário Röhnelt has been engaged in painting empty interior spaces for some years. In this work, the luxurious interior of the Palacio Real in Madrid is reproduced in a black-and-white graphic painting in which the absence of colour and the representation of gilt decorations become merely an empty memory of an obsolete period of ostentation.

Similarly, Leopoldo Plentz, one of the exponents of Brazilian photography, has a preference for images of empty spaces in which architecture, spaces or objects suggest absences, mere vestiges of human presence. Here, he shows us a solitary Picasso sculpture in a gloomy Paris museum, which contrasts with the light entering through the white curtains of two windows.

*La Mirada de Ulisses*, the film by Theos Agnostopoulos, set during the Balkans war, contains one of the most violent scenes I can recall having seen on film. It is a scene without images: in a dense fog one can hear only cries, gunfire and the sound of bodies falling into the water. This is a kind of blind cinema, an anti-cinema, but nonetheless revealing the power of the image when it is denied and leaves room for the imagination. To draw an analogy, I consider my work *Gran Canal* from the early 2000s as a kind of anti-photography,

since the fog of a Venetian winter creates a very visually silent image. We know it is Venice, that lying behind the fog are rich palaces full of emotional charge and their dense and complicated histories, but we can't see it. We only sense it...

#### ABSENCES, EXPECTATIONS, MEMORIES AND JOURNEYS: THEIR SILENCES AND WHISPERS

Regina Silveira has worked with the representation of absences throughout her extensive career. Here we have some preparatory drawings for *Absencia Stretched*, one of her adhesive wall pieces. These studies of perspective drawings of chairs, like others for her wall works, are paradoxically more permanent as works than their resulting installations, which are always of restricted duration. With a graphic richness, and demonstrating great technical skill, these drawings are excellent examples of the abundant output of this energetic and respected artist.

A pair of armchairs set next to each other to form a dialogue, in a faultless intaglio print produced during Luiz Barth's residency in California in the early 1980s, are a good example of the artist's work, whose discrete output in printmaking or painting features the representation of interiors as settings devoid of the human figure.

The Catalan artist Margarita Andrea, whose work returns to the themes of architecture and empty spaces, presents a video loop in which human silhouettes of visitors to a European museum pass each other in a space of passage; the image gradually fades out into complete disappearance. The same sense of disappearing image can be seen in her graphic works of warm-coloured acrylic sheets which

overlap and soften to almost cancel out the photographic images of the internal architectural spaces of cultural institutions.

Mara Álvares is a powerful painter whose work from her 1980s residency at the Art Institute of Chicago and into the early 2000s has still not been adequately recognised and publicised, following her photographic work from the *Nervo Óptico* period (an artists' group in Porto Alegre from 1976-78), in which the presence of the body revealed her training as a dancer. Her recent photographs of empty easels in desolate solitude are nostalgic documents to the act of painting.

The nests collected over the years by Marlies Ritter from her garden in southern Porto Alegre, are objects of memory of the birds that used to live there. In ceramic works, photography or found objects, this artist's work follows a coherent line of documentation and recording of domestic and everyday female actions.

#### WHISPERS IN THE LANDSCAPE

Luiz Roque is a member of the new generation of Brazilian video artists and here shows two intervention works using coloured smoke and sounds which disrupt the stability of a greenhouse, (*Estufa*), in a video made in collaboration with the video artist Leticia Ramos, or a mountain landscape, (*Projeto Vermelho*).

Michael Chapman is an English artist who took part in European avant-garde movements in the 1960s and 1970s, and has lived in Brazil for many years. In his photographs a sense of strangeness disrupts the natural environment: dishes thrown onto a beach or between rocks, are objects that become decontextualised and lose their functionality.

Neu negra [Black snow], by the Catalan artist Perejaume, whose extensive output leans towards the conceptual, depicts a landscape almost devoid of colour, with a snowy mountain that subverts our perception to produce an unusual sound through the inversion of values: the snow in the landscape seems black, and other elements which should be dark appear light.

Domènec, a representative of the generation of Catalan artists that emerged in the 1980s, is concerned with architecture and its role as a symbol of modern ideals. He has often used miniatures or models in his images, objects and videos. This time, his work dialogues with the landscape: a large-format photographic screen print depicts a white model of a building on a green lawn, contrasting nature and architecture, environment and human activity.

Carlos Pasquetti is one of the most important Brazilian artists of his generation. He also establishes a relationship between nature and human activity in *Esconderijo*, a photograph from the 1970s, in which a hay bale in the middle of a field is marked out by two concentric circles. In this case there is a dual action: the intervention on natural elements in the man-earth relationship depicted in the photograph, and the action of the artist drawing the concentric circles on the photo; a representation with intervention that gives the image a new meaning. From the time of this work to his more recent substantial output of powerful drawings or challenging installations, Pasquetti's work refuses any attempt at simple interpretation. However, due to the period in which it was made, when the political conditions in the country imposed a silence on diversity of opinion, the work may have a political connotation.

Teresa Poester has developed an intense dialogue with the rhythms of nature in her graphic works over some years. In the *Ressonances* video showing here, images of her drawings alternate with her photographs, to the sound of a solo piano piece by the North American composer Morton Feldman and played by John Tilbury.

## INTIMATE SILENCES

Rodrigo Braga is one of the new generation of Brazilian artists who uses manipulated photographs to create unusual scenes, often with strong emotive appeal. In this case, we have a large-format photograph of a curved naked torso seen from behind amidst abundant vegetation, in a position of deep withdrawal.

The feeling of intimacy is also strongly present in the installation by the Japanese artist Rintaro Iwata, where a photograph is supported by a moulded object created for seclusion, which when hugged gives a comforting sensation. The photograph depicts a woman hugging the object.

In *Cama para Sonhar* by Cão Guimarães, a pair of photos reflect on the space of sleep and dreaming, inner and outer space. In one photograph an empty bed, tangled sheets and cracks in the wall echo the design of dried branches in the other photograph.

Reflection on sleep has also been the keynote of many of Elaine Tedesco's works. In one of her works from the early 1990s a silk and feather object suggests tiny pillows.

The photographic lithograph by Hannah Collins, an English artist living in Catalonia, refers to the world of inner spaces and refuge, to the silence of snails.

Marlies Ritter prints the memory of an everyday act of her private life, using breadboards scarred from the repeated gesture of cutting the daily bread as blocks for woodcut prints.

A careful, small and intimist pencil and wash drawing of a human skull is one of the moments when Eduardo Kickhofel, a scholar of Leonardo and the philosophy of science, reflects, like Pep Admella, on the silence of death.

### THE SILENT WORD

Michael Chapman often uses words superimposed on photographic images to give them a new meaning. In this case a phrase that denies itself is superimposed on grass and pieces of wood: eu sou não sou [I am I am not].

Like Michael Chapman, Lenora de Barros visually presents a phrase containing its own negation in a 1990 photographic work from her stay in Milan. In *Eu não disse nada*, each of the words is inserted into four images of the artist herself wearing a hood. The work is related to the tradition of concrete poetry and retains a touch of humour, a frequent element in many of the artist's works to this day, but also points to a political meaning.

Hélio Ferverza works with highly economical gestures and ideas. This is perhaps the smallest work in the show, yet with great poetic effect: small cards the size of visiting cards containing the names of the main deserts of the planet.

The Spanish artist Adolfo Montejo Navas shows a small book of poetic phrases reminding us in words of the innumerable facets of silence.

The drawing *Resguardo da palavra*, by Rufino Mesa, an Estremadura artist living in Catalonia, is a study for one of his works in which texts stored in copper pipes are sealed into a large block of stone. Messages silenced forever.

### SEALED SPACES, CLOSED LIPS

Patricio Farias has produced graphic works since the start of his career, establishing himself as a sculptor only in the mid 1980s, having also produced several installations and in recent years made incursions into photography and video art. Here, we are showing one of his sculptures, in which a hermetically sealed lead house is protected by a structure of wood and translucent plastic.

The Chilean painter Fernando Aladay, who has lived in Spain for around 20 years, uses old paper and pieces of antique books found in flea markets to produce collages that sometimes freely reproduce figures from art history, together with his own compositions. His small installation consists of a series of faded cardboard boxes, found objects, containers without their contents, placed side by side on a white shelf to form a discrete group in pale colours and gentle contrasts.

The Paraíba artist José Rufino has constantly worked with the idea of memory retained in objects no longer used. In *Sudoratio* he presents an installation in which various sizes of old wooden boxes are connected to fragile plaster balloons that expand as if inflated by air and, like reminiscences, come from inside the boxes. These are not objects that reveal meaning, but rather evoke a sensation of wonder. The work is a kind of visual syllepsis that justifies itself through appeal to the suggestions it raises.

Carmen Calvo is a Valencian artist whose substantial and eloquent work employs found photographs on which she intervenes with painting to change their meaning. In this case, three characters from a traditional family portrait appear with their mouths sealed by coloured marks. Small glass eyes glued at various points on the photographic paper return multiple gazes to the spectator.

The first wrapped objects by Javacheff Christo, the Bulgarian artist based in the United States since the 1960s who has wrapped a large stretch of the Australian coast, Pont Neuf in Paris and even entire buildings such as the German parliament in Berlin, has certainly been inspired by Man Ray's Dadaist work *L'Enigme d' Isadore Ducasse* (1920), a wrapped typewriter which was accidentally destroyed and is only known about through photographic documentation. These early works by Christo from the late 1950s were not really much bigger than Man Ray's work. During his long career, in which many works have been made in collaboration with his wife Jeanne Claude, the artist has made innumerable preparatory drawings for his monumental interventions and also serial works relating to the packaging of small objects. Some of these latter are a mixture of print, drawing and object, as is the case here, in which a wrapped telephone is a probable metaphor of imposed silence of compulsory incommunicability in a possible allusion to a repressive political regime.

This inaugural exhibition for the Sala do Pomares, the new exhibition space at the FVCB, a relatively recent organisation on the Brazilian art scene, opens a cycle of exhibitions that will be able to show audiences new extracts from a collection that is still being formed, but which should

continue to grow into what we hope will become one of the exemplary collections of contemporary art within the Brazilian cultural panorama.

Vera Chaves Barcellos  
March 2010

## SILENCIOS Y SUSURROS - Aspectos de una Colección

Como artista, tuve, durante muchos años, algunas experiencias con la organización de exposiciones, y confieso que después de mi trabajo personal, una de las cosas que me da más placer, es crear un conjunto de trabajos que tengan, por una u otra razón, un pensamiento conductor que justifique que estén reunidos lado a lado en una muestra colectiva.

Lo que se busca en este tipo de tarea es un diálogo, o diálogos cruzados, y pensamientos sugeridos que se completen o se interroguen, trazando o mismo a ratos adelantando líneas limitadoras y que por lo tanto vengan a enriquecer el conjunto.

La actual exposición presenta un recorte de cerca de 1300 obras que forman la colección de la Fundación VCB. Este recorte incluye trabajos de diferentes épocas, lenguajes y geografías, que pueden tener como objetivo formas de representación de la realidad o no, pero que aunque su diversidad, presentan una línea conductora centrada en la idea de silencio o pequeños elementos que, como susurros, de alguna forma rompen este silencio.

Alguien podría objetar que toda la obra exclusivamente de imagística o plástica es siempre silenciosa. Pero creo que esto no es siempre así.

Lo que intentamos plantear aquí es un concepto ampliado de silencio representado en esta muestra por varias manifestaciones que incluyen desde trabajos sobre el papel como dibujos, grabados, fotografías y *plotters*, hasta algunos videos, objetos, esculturas y instalaciones con sus particularidades o

características propias de sus materiales y de sus lenguajes; un concepto de silencio que puede revelarse en la economía de medios o por la imposibilidad de una traducción verbal, por las imágenes u objetos que son, pero no nos dicen necesariamente lo que son, autosuficientes en su mera presencia, que silencian su propio significado o ellos simplemente lo niegan; obras que no se proponen representar una realidad externa a ellas mismas. Todas estas, podríamos llamar "*Arte del Real*", como lo hizo E.C. Goossen, dando este nombre a la exposición que organizó para el Museo de Arte Moderno de Nueva York, en 1968, donde participaban los más destacados artistas del arte minimalista americana, y ampliando el concepto, otros artistas como Jasper Johns y Jackson Pollock.

El silencio puede estar también representado en la figuración de las ausencias, pasajes o escenarios estáticos o vacíos, sin personajes; por la referencia al reposo o a espacios de espera; por ligeras insinuaciones de lenguaje o discursos que anulan su propio sentido, o aún por textos que, directa o indirectamente, nos hablan del silencio; por continentes que ocultan sus contenidos; por las pequeñas variantes de insistentes repeticiones, o por obras que nos susurran pistas sobre sus posibles significados, sin explicitarlos.

### EL DISCURSO AUSENTE

Así, está presente en esta muestra, un grabado en metal de la década de 1960, de la primera fase de la artista de Rio de

Janeiro de ancha y consolidada trayectoria, Anna Bella Geiger, obra portadora de una preocupación formal filiada al modernismo, así como a las ideas de un Clemente Greenberg cuando defiende la sustancia del arte como un valor libre de referencia a significados externos al mundo del arte; la obra donde importan la composición, el color, la forma y texturas propias de la aguatinta, y que se preserva de cualquier intención de discurso.

Como Anna Bella, tuve mis raíces dentro de una tradición moderna, como demuestra una xilografía del mismo año, *Sinais Vermelhos*, que, sin embargo con una filiación similar, deja trasparecer una sutil intención de representar.

Del irlandés, radicado en los Estados Unidos, Sean Scully, una composición abstracta, creada tres décadas después, denota una preocupación similar con las formas y colores, estructuradas y rigurosa, no obstante guarda una pequeña quiebra que ameniza ese rigor; es una especie de revisión de las cuestiones modernas, que ya pudimos apreciar en otras ocasiones, también en fotografías del mismo autor, cuando retrata detalles de fachadas arquitectónicas. Sean Scully todavía convive con el aún riguroso Sol LeWitt, uno de los papas del arte conceptual y minimalista norte americana del siglo XX, que vemos aquí en esta muestra en uno de sus ejercicios de geometrismo formal portador de la precisión y austeridades propias a este artista, donde tonalidades entre el gris y el negro sí articulan dentro de líneas onduladas. Los dos artistas exploran, en estos trabajos, diversas posibilidades del grabado en metal.

Otra forma de rigor es lo de Rafael Francia, destacado vídeo-artista nacido en el Rio Grande do Sul y que desarrolló su carrera

en São Paulo, y, a partir de 1982, también en Chicago. Es representado por una serie de cinco *lito-offsets*, donde transfiere al papel una representación gráfica que reproduce televisiones en cuyas pantallas son vistas formas geométricas destorcidas, en una referencia al inicio del empleo de la perspectiva en la historia del arte. Esta serie es parte de un trabajo presentado en 1981 en el *Espaço NO*, en Porto Alegre, llamada "*Third Comentary*", incluyendo video instalación, fotogramas, fotocopias y *lito-offsets*.

La producción de la artista Carmela Gross, de São Paulo, se caracteriza como la de otros artistas pos-modernos, por la diversidad de medios y por una secuencia de obras o series de obras donde cada una posee su propia lógica de desarrollo. En uno de sus trabajos de la década de 80, perteneciente a una serie de dibujos hechos con sellos y su posibilidad de repetición, ordenados grafismos en negro rellenan insistentemente toda la superficie del papel.

Lo que en Carmela fue una fase, la repetición, es para el inglés Nick Rands desde mucho tiempo, uno de sus métodos de trabajo, por lo cual construye estructuras en secuencia de puntos en la justa medida de los toques de un dedo, en las pinturas hechas con la mano con pigmentos naturales, más específicamente, varios tipos de tierras recogidas por el artista en diversos puntos geográficos.

Gisela Waetge, natural de São Paulo, radicada en Rio Grande do Sul hace muchos años, viene construyendo, desde la década de 1980, una carrera discreta y perseverante. De su formación de arquitecta heredó cierta disciplina constructiva, que permanece como un hilo conductor de su obra desde sus comienzos,

hasta sus últimos trabajos. La artista, que al principio de los años 90 realizaba pinturas monocromáticas de grande formato, en papel de seda sobre una estructura de alambre, presenta en esta muestra una instalación donde, moldeadas en papel, delicadas conchas translúcidas reposan sobre una plataforma iluminada. En un dibujo más reciente explora, sin ninguna intención de representar, las posibilidades gráficas de la tinta que hace escurrir sobre el papel.

Dos dibujos a grafito creados por Carlos Asp, por detrás de envases de cartón, de productos industrializados, son obras que confirman su conciente posición marginal, que va en sentido contrario a la producción del arte de poder, del uso de materiales nobles y costosos. El artista, que en su juventud participó del grupo *Nervo Óptico* actuante en Porto Alegre en los años 1970, hoy, en plena madurez, crea su forma de belleza con medios precarios, pero no por esto menos eficiente.

Una serigrafía de los años 1990, del artista catalán Enric Mauri, que transita libremente entre video, *performance*, fotografías y objetos apropiados, desafía nuestra percepción jugando con la casi invisibilidad de algunas formas blancas sobre el blanco del papel.

También en un dibujo de Frantz, del inicio de la década de 1980, donde solamente tres manchas lineares de tinta negra escurren en la superficie blanca del papel, hay un gran despojamiento. Ya allí se presenta el artista que en su obra cuestionaría varios aspectos del acto de pintar. Más tarde, asumiría una posición en la cual la elección también es creación, y donde el recorte selectivo de las telas con las cuales reviste el suelo y las paredes del estudio donde pintan sus alumnos es tan

válido como obra como la resultante de la acción de pintar.

## SUSURROS QUE ROMPEN EL SILENCIO

Una obra experimental del joven Guillermo Dable, *Tacet*, de 2009, es filiada evidentemente a una tradición inaugurada por el músico norteamericano John Cage, el gran teórico del silencio. Se constituye en la presentación de una acción de dos formas distintas: grafismos aleatorios, logrados por el toque de xilófono transferido por medio del papel carbón a una grande hoja de papel, formando un sutil dibujo, y su documentación en video. El artista pertenece al grupo que anima uno de los interesantes espacios culturales de Porto Alegre, el *Atelier Subterrânea*.

También dentro del hibridismo entre el universo plástico y el sonoro se desarrolla la obra de Paulo Vivacqua, aquí con uno de sus objetos, *Anêmona*, de 2008, formado por vidrio, hilos y altavoces. Según Paulo Sergio Duarte, en un texto hermoso respecto al artista, publicado en uno de los catálogos de la *5ª Bienal do Mercosul*, se refiere a sus fuertes esculturas de vidrios sobrepuestos y sus *tweeters* organizados para darnos placer acústico y visual.

## LA PRESENCIA SILENCIOSA DEL OBJETO

Un objeto apropiado de Enric Mauri, que, en esto caso no se trata de una rueda de bicicleta o de un puerta-botellas, pero sí de una vieja sombrilla roja colocada en un soporte de metal, provoca en el espectador una visión, no bajo el punto de vista funcional, pero sí estético, contaminado por la aura que le confiere la sala de exposición. Ya no es un gesto provocador, como los *ready-made* duchampianos del inicio de

la historia del arte moderno, sino que más una forma para reafirmar la validez de la elección como un modo de creación.

Dos libros de artista de Mira Schendel, pequeños objetos de papel a ser manipulados por el espectador, juegan con las particularidades de la secuencia, propia del medio del libro cuyas láminas tienen la posibilidad de girar sobre un único punto que las unen. Así, en uno, la artista juega con letras diferentes, pero que dependiendo de la posición, y vistas en espejo, tienen la misma grafía como p, d, b, q; y en otro, con hojas de cartulina perforada con pequeños orificios circulares que, cuando sobrepuestas, crean diversas formas de asociaciones posibles.

Dentro de una caja de acrílico vemos dos pequeños objetos: una brújula y su embalaje. La brújula está sellada con una lámina negra, negando cualquier especie de orientación. Es un ejemplar objeto de Helio que acostumbra construir sus obras, sean ellas objetos o instalaciones, con un mínimo de elementos que no explicitan claramente sus significados, pero solamente sugieren relaciones al imaginario del espectador.

Los objetos de pequeño formato son utilizados en *Espera*, la serie de cincuenta sillas de madera en miniatura de Nazareno, colocadas en el suelo formando un círculo, en la expectativa de una grande reunión liliputiana \* como quizás algunas reuniones de las cúpulas políticas mundiales, grande en número de participantes pero pequeñas y vacías en ideas y soluciones efectivas para los problemas del planeta.

---

\* | Relativo a Liliput, país imaginario de la novela *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, en que los habitantes tenían solamente seis pulgadas de altura.

En *Jardín de Infância*, un conjunto en círculo de pequeñas sillas calcinadas, la mirada una vez más perversa de Lia Menna Barreto aborda el mundo infantil, tema recurrente en su obra; ¿solitarios vestigios de un trágico acontecimiento, o silenciosa metáfora de la infancia perdida?

De Patricio Fariás una secuencia de cajas estrechas de madera apoyadas verticalmente contra la pared sirven como contenido para \* piezas alargadas, en plomo y caucho que recuerdan lanzas sin puntas, armas desprovistas de su potencial, agresivo, meros objetos para serena contemplación.

Con una escultura en hierro donde una calavera moldada en plomo, encadenada un pesado y rígido objeto de hierro, en una referencia explícita al más definitivo de todos los silencios, el escultor catalán Pep Admella refleja sobre la condición humana y la irreductibilidad de la muerte.

## SILENCIOS VACIOS

Bob Wilson es, al lado del polonés Tadeus Kantor, uno de los principales renovadores del teatro del siglo XX, y, como fue este, es también creador lleno y regente de los escenarios y elementos de escena tales como luz, sonidos, tiempos y espacios donde los actores desarrollan sus *performances* en sus complejos montajes. Wilson, que no niega su deuda a John Cage y trabaja mucho en sus piezas con espacios de silencios, o el *rallentando* de movimientos, también amplía su actuación a las artes visuales, reproduciendo muchos de sus estudios para escenarios a series de litografías de las cuales tenemos aquí un estudio para *Alceste*: la imagen de un escenario vacío y expectante.

Mario Rohnelt, artista gráfico y pintor, hace algunos años ven dedicándose a la pintura de espacios de interiores vacíos. En este trabajo, el interior lujoso del Palacio Real de Madrid, es reproducido en una gráfica pintura en blanco y negro, que, por la ausencia de color y de la representación de las decoraciones en dorado, se torna meramente una vacía memoria de una época de pompas obsoleta.

De la misma manera, Leopoldo Plentz, uno de los exponentes de la fotografía brasileña, tiene preferencia por las imágenes de espacios vacíos, donde la arquitectura, ambientes, u objetos sugieren ausencias, meros vestigios de la presencia humana. Aquí nos muestra una solitaria escultura de Picasso en la penumbra de un museo de París, que se contraponen a la luminosidad que penetra a través de las cortinas blancas de dos ventanas.

En la película "La mirada de Ulises" de Theos Agnostopoulos, cuya acción se pasa en época de la guerra de los Balcanes hay una de las más violentas escenas que me recuerdo de haber visto en el cine hasta ahora. Y es una escena sin imágenes: en una densa niebla solamente gritos, tiros y el sonido de los cuerpos que caen en el agua. Es una especie de cine ciego, de anti-cine, pero no por eso menos revelador del poder de la imagen, cuando ella se niega y da lugar a nuestro imaginario. Trazando una analogía, considero mi trabajo *Gran Canal*, del inicio de los años 2000, una especie anti-fotografía, pues es una fotografía de la niebla del invierno veneciano, imagen de un gran silencio visual. Sabemos que es Venecia; que por detrás están sus ricos palacios con la carga emocional de sus densas y conturbadas historias, pero no los vemos. Solamente los presentimos...

## AUSENCIAS, ESPERAS, MEMORIAS Y PASAJES: SUS SILENCIOS Y SUSURROS

Regina Silveira viene trabajando a lo largo de su amplia trayectoria con la representación de ausencias. Aquí tenemos algunos dibujos preparatorios para *Absencia Stretched*, uno de sus trabajos que serán adhesivados a la pared. Estos dibujos de perspectivas de sillas hechas como estudios, tal como para otras de sus obras que serán colladas en la pared, tienen paradójicamente más permanencia como obra que las instalaciones que de ellos resultan, estas siempre con duración limitada. Ricos en grafismos, y demostrando gran técnica de habilidad, estos dibujos son ejemplares excelentes dentro de la harta producción de esta inquieta y consagrada artista.

Un par de butacas que lado a lado dialogan entre sí mismas, en un impecable grabado en metal, ejecutado en un estudio del artista en California al inicio de la década de 1980, es un buen ejemplo de la obra de Luiz Barth cuya producción discreta en grabados o pinturas si ha caracterizado por la representación de interiores, especie de escenarios de los cuales está ausente la figura humana.

Margarita Andreu, artista catalán, donde los temas de arquitecturas y espacios vacíos son una recurrencia, presenta un video en *looping*, donde siluetas humanas visitantes de un museo europeo, se entrecruzan en un espacio de pasaje; gradualmente, la imagen se va esmoreciendo hasta su desaparición total. Lo mismo sentido de desaparición de la imagen está en sus trabajos gráficos; láminas de acrílico de colores calientes se superponen y amenizan casi anulando imágenes fotográficas de interiores de espacios arquitectónicos de instituciones culturales.

Mara Alvares es una potente pintora que desarrolló una obra entre la década de 1980, desde su práctica en el Instituto de Artes de Chicago, y el inicio de los años 2000, aún no bastante reconocida y divulgada, posterior a su producción fotográfica de la época del grupo *Nervo Óptica*, (grupo que actuó en Porto Alegre entre 1976-78), en la cual, por la presencia del cuerpo, trasparece su formación en danza. Sus recientes fotos de algunos caballetes vacíos en su desolada soledad son nostálgico documento del acto de pintar.

Los nidos, apropiados por Marlies Ritter, todos recogidos en su jardín en la zona sur de Porto Alegre durante varios años, son objetos de memoria de los pájaros que habitaran allí. La artista, en su obra de cerámica, fotos o en apropiaciones de objetos, sigue en una línea coherente su trabajo de documentación y registro de acciones femeninas domésticas y cotidianas.

### SUSURROS EN EL PAISAJE

Luis Roque, vídeo-artista de la nueva generación brasileña, muestra dos obras donde realiza interferencias con humos coloridos y sonidos rompiendo la estabilidad de una estufa (*Estufa*), un vídeo realizado en colaboración con la vídeo-artista Leticia Ramos, o de un paisaje de montaña, (*Projeto Vermelho*).

En las fotografías de Michael Chapman, artista inglés que participó de movimientos de las vanguardias europeas de los años 60 y 70, y que vive hace años en Brasil, la extrañeza perturba el ambiente natural: los platos jugados en una playa, o entre rocas, son meros objetos que descontextualizados pierden su funcionalidad.

Perejaume, artista catalán de extensa obra de tenor conceptual, en *Neu Negra*, (Nieve Negra) un paisaje casi desprovisto de colores, que retrata una montaña nevada, subvierte nuestra percepción causando un ruido inusitado para la inversión de los valores: en su paisaje la nieve nos aparece negra, bien como otros elementos que deberían ser oscuros se demuestran en tonos claros.

El interés de Domènec, un representante de la generación catalana que surgió en los años 1980, se centra en la arquitectura y el papel que esta representa como símbolo de los ideales modernos. El empleo de miniaturas o maquetas ha sido utilizado con frecuencia en sus imágenes, objetos y videos. Su obra dialoga de esta vez con el paisaje: en una serigrafía fotográfica de grande formato, una pequeña maqueta blanca de un edificio se ve sobre un césped verde, contrastando naturaleza y arquitectura, medio ambiente y acción humana.

Carlos Pasquetti, uno de los más importantes artistas brasileños de su generación, en *Esconderijo*, una foto de los años 1970, donde una paca de heno en lo medio de un campo es señalada por dos círculos concéntricos, también establece una relación naturaleza y acción del hombre. Pero, en esto caso hay una doble acción: la interferencia sobre elementos naturales en relación hombre-tierra, retratada en la fotografía, y la acción del artista trazando los círculos concéntricos sobre la foto; una representación intervenida que atribuye a la imagen un nuevo significado. Desde entonces, hasta su harta producción más reciente, sea de poderosos dibujos o instalaciones instigantes, la obra de Pasquetti se resguarda de cualquier

tentativa de fácil interpretación. Sin embargo, por la época en que fue producido, cuando, por la situación política del país era impuesto el silencio a la diversidad de opiniones, el trabajo podría tener una connotación política.

Un diálogo intenso con los ritmos de la naturaleza es lo que hace tiempo viene desarrollando Teresa Poester en sus trabajos gráficos. En el vídeo *Ressonances*, que ahora mostramos, imágenes de sus dibujos se alternan con sus fotografías, al sonido de una pieza para piano solo del compositor norteamericano Morton Feldman, interpretado por el pianista Juan Tibury.

## SILENCIOS ÍNTIMOS

Rodrigo Braga es un artista de la nueva generación brasileña que, trabajando con la fotografía manipulada, crea escenas inusuales, muchas veces de fuerte llamado, emocional. En este caso en una fotografía de grande formato, vemos un torso desnudo, curvado y de espaldas en medio a una harta vegetación, en una actitud de profundo recogimiento.

La emoción de la intimidad está también fuertemente presente en la pequeña instalación del japonés Rintaro Iwata, donde una fotografía es secundada por un objeto moldeado creado para el recogimiento, que, cuando abrazado, da una sensación de bienestar. En la foto, una mujer abraza el objeto.

En *Cama para Sonhar* de Cao Guimarães, un conjunto de dos fotografías refleja sobre el espacio y el soñar. En una de las fotos, una cama vacía, sábanas revueltas, grietas en la pared repiten formas de unos ramos secos de la otra fotografía.

La reflexión sobre el sueño también ha sido un tónico presente en muchos trabajos de Elaine Tedesco. En una de sus obras del inicio de la década de 1990, un objeto de plumas y seda, es sugerencia de pequeñas almohadas.

La litografía fotográfica de Hannah Collins, artista inglesa residente en Cataluña, nos remite al mundo de espacios internos y recogimiento, al silencio de los caracoles.

Marlies Ritter graba la memoria de un acto cotidiano de su vida privada, usando como matrices para impresión, tablas surcadas por los cuchillos en el repetido gesto de cortar el pan de cada día, imprimiéndolas como xilografías.

Un cuidadoso, pequeño e intimista dibujo a grafito y aguados, representando una calavera humana, es uno de los momentos donde Eduardo Kickhofel, estudioso de Leonardo y de la filosofía de la ciencia, refleja, como Pep Admella, sobre el silencio de la muerte.

## LA PALABRA SILENCIOSA

Michael Chapman utiliza frecuentemente palabras sobrepuestas a imágenes fotográficas atribuyéndoles un nuevo sentido. En este caso, una frase que se auto anula, sobrepuesta al césped y un pedazo de madera: Mi nombre es sin nombre.

Lenora de Barros, en un trabajo fotográfico de 1990, hecho en su práctica en Milano, así como Michael Chapman, presenta de forma visual una frase conteniendo su propia negación en *Eu não disse nada*, donde cada una de las palabras está inserida en cuatro imágenes de la propia artista encapuzada. La obra, filiada a la tradición de la poesía concreta, no deja de tener una dosis de humor, elemento

frecuente en muchos trabajos de la artista hasta el presente y también señala un sentido político.

Helio Ferverza trabaja gestos e ideas de grande economía. Este es quizás el trabajo de menor formato de toda la muestra, pero de grande efectividad poética: son pequeñas tarjetas de formato de tarjetas de visita, donde se leen nombres de los principales desiertos del planeta.

Del español Adolfo Montejo Navas, un pequeño libro con frases poéticas nos remite por medio de la palabra a las innumerables facetas del silencio.

Del escultor extremeño Rufino Mesa, radicado en Cataluña, el dibujo *Resguardo da palabra* es uno de los estudios para una de sus obras donde textos guardados en tubos de cobre sellados dentro de un gran bloque de piedra. Mensajes para siempre silenciadas.

#### ESPACIOS SELLADOS, BOCAS CERRADAS

Patricio Fariás habiendo desarrollado una obra gráfica en sus primeros años se consolidó como escultor después de mediados de los años 1980, habiendo realizado también diversas instalaciones y, en los últimos años, incursiones en la fotografía y vídeo-arte. Aquí, tenemos una de sus esculturas, donde una casa de plomo hermética está protegida por una estructura de madera y plástico translúcido.

Fernando Alday, pintor chileno, radicado en España hace cerca de dos décadas utiliza papeles envejecidos y pedazos de libros antiguos recogidos en mercados de pulgas, construyendo colajes que reproducen de forma libre, algunas veces, figuras de la historia del arte, más allá de sus propias composiciones. Su pequeña instalación

es constituida por una serie de cajas de tarjeta desteñida, objetos apropiados, continentes vaciados de sus contenidos, colocados lado a lado sobre una estantería blanca, formando un discreto conjunto en colores bajas y de ligeros contrastes.

El artista de Paraíba, José Rufino hay insistentemente trabajado la cuestión de la memoria que guardan los objetos ya en desuso. En *Sudoratio*, nos presenta una instalación donde antiguas cajas de madera de diversas dimensiones son asociadas a frágiles globos de yeso que se amplían como inflados por un soplo y que, como recuerdos, vienen del interior de las cajas. No son objetos reveladores de la dirección, sino que suscitan, sí, una sensación de extrañeza. La obra, una especie de silepsis visual, se justifica por el atractivo de las sugerencias que provoca.

Carmen Calvo, artista valenciana de producción harta y elocuente, trabaja con apropiaciones de fotografías en las cuales interfiere con pintura, alterando su significado. En este caso, tres personajes en un retrato de familia tradicional aparecen con las bocas vendadas por manchas de color. Pequeños ojos de vidrio collados en diversos puntos sobre el papel fotográfico devuelven múltiples miradas al espectador.

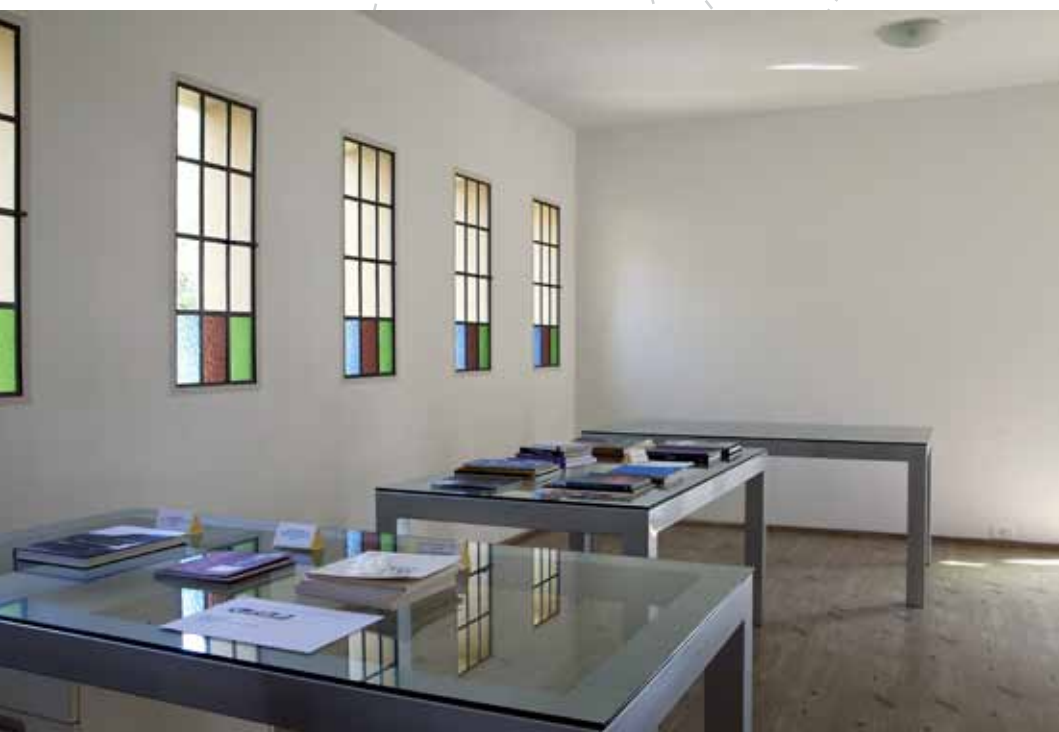
Los primeros objetos envueltos de Javacheff Christo, artista búlgaro, radicado desde los años 60 en los Estados Unidos, y que ya envolvió una ancha extensión de las costas australianas, la *Pont Neuf* en París, y mismo predios enteros como el parlamento alemán en Berlín debe ciertamente haber se inspirado en la obra dadaísta de Man Ray, *L'Enigme d'Isadore Ducasse* (1920), en que ello envolvió una máquina de escribir, obra accidentalmente destruida y

que se conoce solamente por documento fotográfico. Estos primeros objetos de Christo, datados del final de la década de 1950, no eran en verdad mucho más grandes que la obra citada de Man Ray. En el decurso de su ancha trayectoria, durante la cual en muchos trabajos tuvo la colaboración de su mujer Jeanne Claude, el artista ha realizado inúmeros dibujos preparatorios a sus intervenciones monumentales y también obras seriadas con referencia al involucramiento de pequeños objetos. Algunas de esas últimas son una mezcla de impresión, dibujo y objeto, como en este caso, donde un teléfono envuelto es una probable metáfora del silencio impuesto o de la incomunicabilidad impuesta, posible alusión a una situación de un régimen político represivo.

Esta muestra que inaugura la *Sala dos Pomares*, nuevo espacio expositivo de la FVCB, entidad relativamente reciente en el escenario de las artes visuales brasileñas, da inicio a un ciclo de exposiciones, que deberá mostrar al público, nuevos extractos de una colección aún en formación, pero que deberá continuar creciendo, y esperamos que se convierta en una de las colecciones de arte contemporánea ejemplares dentro del panorama cultural del país.

Vera Chaves Barcellos  
Marzo 2010









CICLO PARALELO

# SILÊNCI()S & SUSSURR()S

A Fundação Vera Chaves Barcellos, através do edital Conexão Artes Visuais MINC FUNARTE e patrocínio da PETROBRAS, e em parceria com o Santander Cultural, promoveu o Ciclo Paralelo Silêncios e Sussurros, programação paralela à mostra Silêncios e Sussurros, no período de 17 de julho a 11 de setembro de 2010, em Porto Alegre, RS.

## PROGRAMAÇÃO DO CICLO PARALELO SILÊNCIOS E SUSSURROS

17/07/2010 - Encontro com Cao Guimarães

07/08/2010 - Encontro com Rodrigo Braga

14/08/2010 - Encontro com Gisela Waetge

28/08/2010 - Encontro com José Rufino

10/09/2010 - Palestra com Carmen Pardo Salgado  
"Nos bosques da música com John Cage"

11/09/2010 - Palestra com Carmen Pardo Salgado  
"Contrapontos de luz e som no teatro de Robert Wilson"



Gisela Waetge



Rodrigo Braga



José Rufino



Cao Guimarães



Encontro com Gisela Waetge



Encontro com José Rufino



Encontro com Carmen Pardo



Visita à Exposição

